

Título  
BELO SOBRO  
A história de um Semeador de Sonhos

Texto  
© Mafalda Bernardes da Silva  
© Miguel Soares

Ilustração  
© Rui Gaspar

Coordenação da Edição  
Alfarroba

Revisão e Edição  
Andreia Salgueiro | Alfarroba

Design e paginação  
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Impressão e acabamento  
Portugal

ISBN  
978-989-9068-87-2

Depósito Legal  
515 906/23

1.ª edição, junho 2023

Apoio:



uma edição da Alfarroba  
© junho 2023, Alfarroba  
telefone: 210 998 223  
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

# Belo Sobro

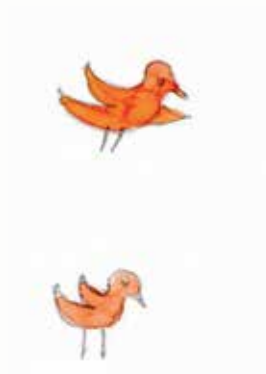
## A História de um Semeador de Sonhos





# Belo Sobro

A História de um  
Semeador de Sonhos



Ao Fernando Moital,  
Semeador de Sonhos.





**E**xiste, numa horta especial, um sobro fenomenal. Não é fenomenal pelo tamanho nem pela forma, é pequeno hoje, mas pode viver centenas de anos e ser gigante. É torto, na verdade, mesmo retorto e teimoso, apontando para Norte, como que a lembrar-nos de que existe um ponto de referência pelo qual nos devemos guiar. Que existe um caminho, se soubermos onde estamos e onde queremos chegar.

Contamos-vos aqui a história desse sobro.

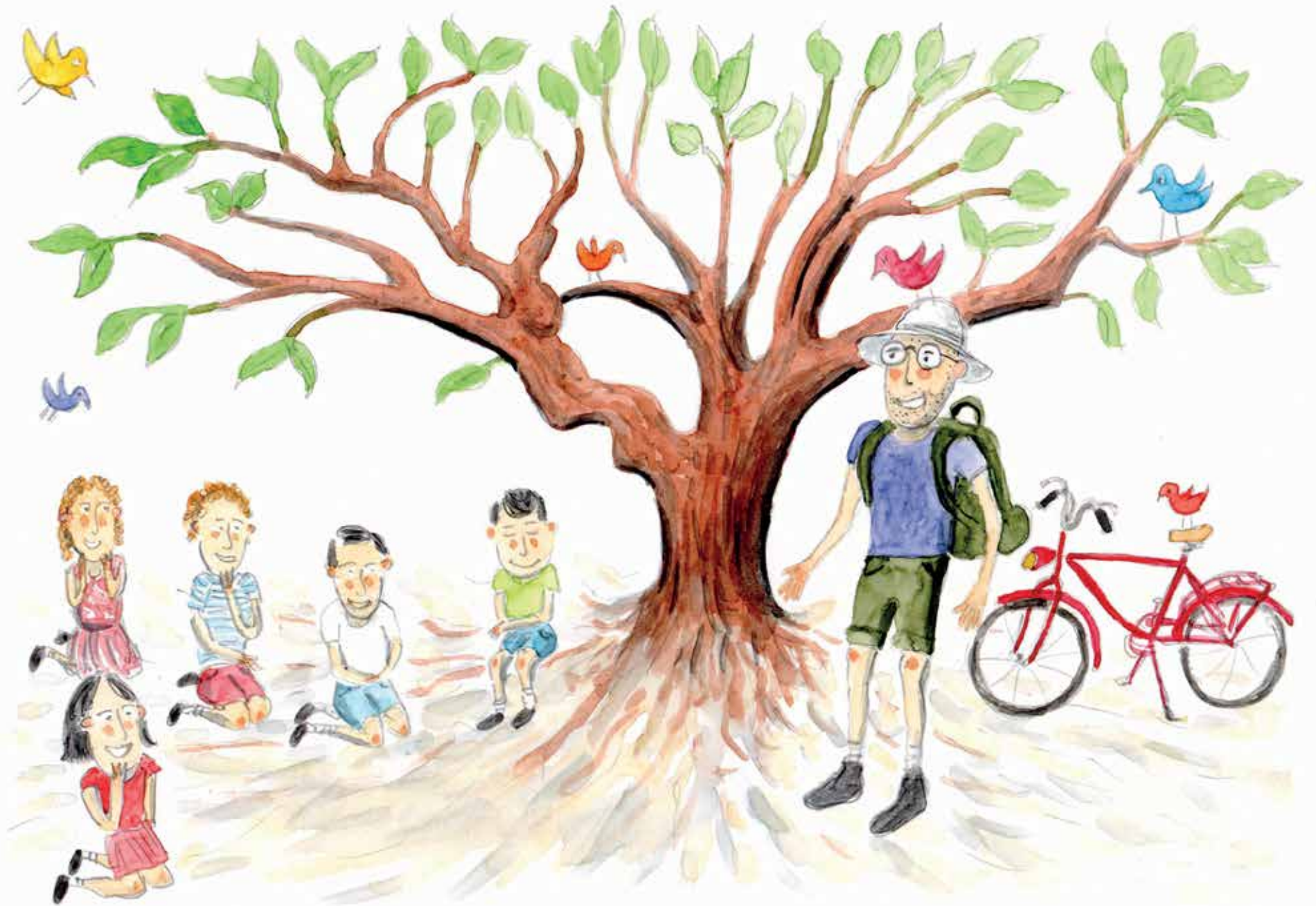
Era só um sobro, um como tantos outros quando chegou à horta, mas os Sonhadores que o plantaram naquele dia especial, os que conheceram o Semeador de Sonhos, chamaram-lhe Belo Sobro e assim ficou. E ali está hoje, apontando na direção da sua querida Bela Sombra, debaixo da qual o Semeador semeou sonhos. Mas adiantamo-nos à história...

A horta de que vos falamos chama-se «das Figueiras», é uma horta onde crescem, agora, sonhos. Nesta horta, em tempos não muito idos, apareceu um dia um Semeador de Sonhos. Vinha à procura do seu filho que se havia mudado recentemente para aquela horta. Tinha um recado importante para lhe dar.

Chegou numa bicicleta vermelha, num fim de dia de verão. Não era baixo nem alto, nem gordo nem magro. Tinha uma barba que não era nem basta nem rala, nem escura nem clara. Na cabeça trazia um chapéu branco e na cara um sorriso cativante e provocador. Às costas carregava uma mochila cheia de qualquer coisa.

- Sonhos? - perguntaram os crescidos daquela horta. - Comem-se?







– Comem-se – respondeu o Semeador de Sonhos com um sorriso despreocupado. – E sabem bem, têm um sabor a... a Esperança. Quando eram crianças, vocês também os semearam e comeram. Lembram-se? E não custam nada a germinar. Temos um bom solo aqui! – continuou o semeador, percorrendo o olhar pelas crianças com ar de quem sabe. – Só precisamos de tratadores e de boa vontade.

As crianças, de imediato, aproximaram-se e quiseram saber mais sobre os sonhos de que ele falava. Disse-lhes como era fértil o terreno que ali tinham, que nele podiam fazer sementeiras maravilhosas e gerar sonhos grandiosos.

Não era a primeira vez que ali sonhavam! Já ali, naquele lugar, alguém lhes tinha contado histórias que faziam sonhar, mas não era a mesma coisa, eram sonhos diferentes, eram sonhos fugazes e que se desvaneciam assim que de lá saíam ou então um dia ou dois depois. Estes sonhos que agora ambicionavam eram diferentes, tinham força e entranhavam-se nas crianças para não mais as largarem.

A partir daquele momento, todas elas se transformaram em Sonhadores. E com aquela metamorfose começaram a surgir sonhos atrás de sonhos.

– Estas sementes são especiais, mágicas mesmo – explicou o homem, com um sorriso contagiante. – Trago-as do meu berçário pessoal.

– E não te vão fazer falta? – perguntou um sonhador dos mais crescidos. – Se são assim tão importantes...

– Nada disso. Na minha horta, estas sementes estão constantemente a reproduzir-se e a gerar belas plantas. Como vos disse, são especiais e, se tratadas com carinho, crescem como mais nenhuma. E dão uns frutos... Ui, nem vos conto!

– Vamos então semeá-las já! – disse um rapaz, ao saltar para o colo do Semeador de Sonhos.

O homem riu-se e afagou o cabelo do gaiato, deixando-o despenteado.

– Calma, primeiro temos de preparar o terreno para receber as sementes.

Nos tempos que se seguiram, o Semeador foi convidando grandes e pequenos para o ajudarem a preparar o terreno e para o tornar um local não só prático para o trabalho como cada vez mais agradável para passarem os seus dias.

Um dia, estava o Semeador perdido a olhar para todas aquelas mãos a trabalhar com afinco, quando sentiu a sua camisola a ser puxada.

– Semeadoooooor? – chamou, baixinho, uma voz atrás de si.

– O que se passa? – perguntou o Semeador, sorrindo ao reparar que aquela devia ser a mais pequena Sonhadora daquela horta.

– Porque estás a semear connosco nesta horta? – quis saber a menina.

– Ui... Isso dava uma história – respondeu o Semeador enquanto a agarrava e a rodava no ar.

– Para! – gritou a pequena com uma gargalhada. – Vou ficar tonta.

O Semeador pôs a menina no chão e juntos caminharam para o resguardo da Bela Sombra, uma árvore frondosa sob a qual se abrigavam do calor do sol e onde tantas vezes ouviam histórias de encantar.

– Sabes, eu sempre fui um Sonhador, tal como tu – começou, piscando-lhe o olho. – Mas um dia eu tive um filho e tudo mudou.

– Como assim? – perguntou docemente a menina, sem perceber muito bem o que ele lhe queria dizer.

Sentando-se numa das grandes raízes da Bela Sombra, o Semeador levantou a menina, sentou-a no seu colo e continuou:

